

A Educação Como Ferramenta de Sonho: Reflexões de um Professor Negro nas Periferias Paulistas

Palavras-chave: juventude negra; educação; periferia; empreendedorismo social; identidade racial.

Introdução

Ao longo da minha trajetória profissional como professor, tive a oportunidade de atuar em diferentes cidades do Estado de São Paulo, passando por escolas localizadas em territórios periféricos de municípios como Santa Isabel, Suzano, Itaquaquecetuba e São Paulo. Em cada uma dessas localidades encontrei realidades distintas, mas também desafios muito semelhantes: juventudes negras marcadas pela desigualdade social, pela falta de oportunidades e pela presença constante do racismo estrutural em suas múltiplas formas.

Mais do que ensinar conteúdos de Filosofia, Sociologia ou Pedagogia, compreendi que meu papel enquanto educador negro era também o de demonstrar, através da minha própria trajetória, que a educação pode ser um caminho possível de transformação social.

Minha trajetória e o encontro com as juventudes periféricas

Sou formado em Pedagogia e possuo especialização nas áreas de Docência do Ensino Superior, Supervisão, Orientação e Gestão Escolar e Educação Especial. Iniciei minha atuação na rede pública paulista em 2022, trabalhando como professor de Filosofia e Sociologia.

Nas salas de aula de bairros periféricos como Jardim Eldorado, em Santa Isabel, Jardim Odete III, em Itaquaquecetuba, Heliópolis, na capital paulista, além de outras comunidades do Alto Tietê e do ABC Paulista, encontrei jovens que frequentemente enxergavam poucas possibilidades para o próprio futuro.

Em muitas ocasiões ouvi relatos de estudantes que acreditavam que a universidade não era para eles, que determinados cargos e profissões não eram lugares ocupados por pessoas negras ou moradores das periferias. Essas falas revelavam não apenas dificuldades econômicas, mas também os impactos de uma exclusão histórica que limita sonhos e expectativas.

Foi nesse contexto que percebi algo que transformou minha forma de atuar como professor: muitos daqueles jovens passaram a me enxergar como uma referência.

Representatividade que gera pertencimento

Em diversas conversas dentro e fora da sala de aula, estudantes me diziam que viam em mim alguém que havia conseguido romper barreiras sociais semelhantes às que eles enfrentavam diariamente.

Eu não era apenas o professor responsável pela disciplina. Para muitos, eu representava a possibilidade concreta de ascensão por meio do estudo.

Ser um professor jovem, negro e oriundo de uma realidade popular aproximava minha história da trajetória daqueles estudantes. Eles percebiam que o acesso ao ensino superior, aos concursos públicos e aos espaços de decisão não era uma realidade distante e inalcançável.

Ao compartilhar minha própria caminhada, marcada por muito trabalho, estudo e persistência, observei mudanças significativas na forma como muitos alunos passaram a enxergar suas próprias capacidades.

Educação, identidade e empreendedorismo social

Quando falamos sobre empreendedorismo da juventude negra, muitas vezes o debate se limita à abertura de empresas ou à geração de renda. Entretanto, minha experiência nas escolas periféricas mostrou que o empreendedorismo também pode assumir outras formas.

Empreender é criar possibilidades onde historicamente foram construídas barreiras.

Empreender é organizar coletivos culturais, desenvolver projetos sociais, ocupar espaços políticos, ingressar na universidade, tornar-se professor, artista, pesquisador ou liderança comunitária.

Ao trabalhar temas relacionados à cidadania, identidade racial, desigualdade social e participação política, percebia que muitos estudantes começavam a compreender que suas histórias possuíam valor e que suas vozes merecem ser ouvidas.

A partir desse processo, surgiam projetos, iniciativas culturais, lideranças estudantis e novas perspectivas de futuro.

O enfrentamento ao racismo institucional

Durante minha trajetória profissional, também compreendi a importância de utilizar minha voz para denunciar e enfrentar práticas de racismo institucional que ainda persistem em diferentes espaços da sociedade.

A escola ocupa papel fundamental nesse enfrentamento. É nela que crianças e jovens podem desenvolver consciência crítica sobre os mecanismos que produzem exclusão e desigualdade.

Ao mesmo tempo, a escola precisa ser capaz de valorizar as histórias, culturas e saberes produzidos pela população negra, fortalecendo identidades e promovendo pertencimento.

Quando um estudante negro percebe que sua história importa, sua relação com a aprendizagem também se transforma.

Representatividade que gera pertencimento

Em diversas conversas dentro e fora da sala de aula, estudantes me diziam que viam em mim alguém que havia conseguido romper barreiras sociais semelhantes às que eles enfrentavam diariamente.

Eu não era apenas o professor responsável pela disciplina. Para muitos, eu representava a possibilidade concreta de ascensão por meio do estudo.

Ser um professor jovem, negro e oriundo de uma realidade popular aproximava minha história da trajetória daqueles estudantes. Eles percebiam que o acesso ao ensino superior, aos concursos públicos e aos espaços de decisão não era uma realidade distante e inalcançável.

Ao compartilhar minha própria caminhada, marcada por muito trabalho, estudo e persistência, observei mudanças significativas na forma como muitos alunos passaram a enxergar suas próprias capacidades.

Durante minhas aulas de Filosofia e Sociologia, procurei estimular reflexões sobre projeto de vida, cidadania e ocupação de espaços historicamente negados à população negra. Incentivei meus estudantes a compreenderem a importância de participar do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), buscar vagas em universidades públicas, ingressar em cursos superiores, disputar concursos públicos e ocupar posições de liderança em diferentes setores da sociedade.

Também procurei mostrar que a juventude negra pode e deve estar presente em espaços de formulação de políticas públicas, nos cargos eletivos, nas carreiras jurídicas, no serviço público, na pesquisa científica, no empreendedorismo e na classe empresarial brasileira. Muitas vezes, a simples possibilidade de visualizar essas trajetórias já representava uma ruptura com os limites que a desigualdade social e o racismo estrutural tentam impor.

Mais do que formar estudantes para uma prova ou avaliação, busquei contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos, de sua identidade e de sua capacidade de transformar a própria realidade. Em diversas ocasiões, ouvi de alunos que passaram a considerar a universidade como uma meta possível após nossas conversas em sala de aula. Outros passaram a pesquisar cursos, profissões e oportunidades que antes sequer imaginavam alcançar.

Esses momentos reforçam minha convicção de que a educação tem o poder de ampliar horizontes e fortalecer sonhos, especialmente quando o educador também se torna uma referência concreta de superação, pertencimento e possibilidade.

Considerações finais

Atualmente atuo na Rede Municipal de Rio Grande da Serra como professor efetivo do Ensino Fundamental e da Educação Especial, além de contribuir na coordenação das ações voltadas à Educação Especial e Inclusiva do município.

Ao olhar para minha trajetória, compreendo que meu maior legado não está apenas nos conteúdos ensinados ou nos cargos que ocupei ao longo dos anos. Está nos sonhos que ajudei a fortalecer.

Cada estudante que passou a acreditar mais em si mesmo, cada jovem que decidiu continuar estudando, cada aluno que passou a enxergar possibilidades além das limitações impostas pela realidade social representa uma vitória coletiva.

As juventudes negras das periferias brasileiras possuem talento, criatividade, inteligência e potência transformadora. O que muitas vezes lhes falta não é capacidade, mas oportunidade.

Por isso continuo acreditando que a educação é uma das mais poderosas ferramentas de transformação social. Ela não muda apenas trajetórias individuais. Ela transforma famílias, comunidades e gerações inteiras.

